

Fronteiras diletantes: limiares de experiências entre contos e vivências

Dilettante borders: thresholds of experience between tales and experiences

Eudes Fernando Leite¹

eudesfernando@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-2934-0522>

Leandro Baller²

lballer@ufgd.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-2323-5032>

Resumo: Este artigo se propõe tratar da Fronteira Brasil-Paraguai-Argentina a partir de fontes que trazem as formas de percepção e representação de ambiência marcante nos estados de Mato Grosso do Sul e Paraná. Tomando o texto literário e a narrativa produzida pela história oral, articulado a estudos históricos que abordam a fronteira em tela, o texto deseja demonstrar que a Fronteira, para além de lugar, de limite, é um espaço de vivências que resulta em formas existenciais derivadas de combinações sociais operadas no existir do fronteiriço.

Palavras-chave: Fronteira(s); Brasil-Paraguai-Argentina; Narrativas.

Abstract: This article aims to deal with the Brazil-Paraguay-Argentina Border based on from sources that show the forms of perception and representation of a remarkable ambience in the states of Mato Grosso do Sul and Paraná. Taking the literary text and the narrative produced by oral history, combined with historical studies that deal with the border in question, the text aims to demonstrate that the border, besides being a place, a boundary, is a space of experiences that results in existential forms derived from social combinations operated in the existence of the border.

Keywords: Border(s); Brazil-Paraguay-Argentina; Narratives.

¹ Universidade Federal da Grande Dourados. Faculdade de Ciências Humanas. Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História (Mestrado e Doutorado). Cidade Universitária, Rodovia Dourados-Ithaum, Km. 12, 79804-970, Dourados-MS.

² Universidade Federal da Grande Dourados. Faculdade de Ciências Humanas. Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História (Mestrado e Doutorado). Cidade Universitária, Rodovia Dourados-Ithaum, Km. 12, 79804-970, Dourados-MS

Introdução

O compartilhamento de eventos da História existente entre Brasil, Paraguai e seus outros vizinhos advém de outros tempos, tempos em que nem mesmo nossos territórios traziam seus nomes como referência, assim como os conhecemos atualmente. Essas referências não passavam de denominações de árvores, de rios, vales, morros, ou de outras coisas. Isso mostra que a *semântica dos tempos históricos* apregoa o devir histórico entre nós e os nossos vizinhos.

Outros tempos, outros nomes, outros sujeitos, outros espaços nos levam a construir uma História também a partir dos “outros”, ou por que não, uma outra história do outro; articular o pensamento e todo o conjunto epistemológico que desemboca no fazer do ofício do historiador sempre é um desafio. Percebemos nesses tempos-territórios que os sujeitos são constitutivos de um lugar. Um lugar que se chamará *a posteriori* Brasil, e do outro lado do rio, da barranca, da mata, da serra, da estrada, da cerca, sujeitos constitutivos de um lugar que se chamaria *a posteriori* Paraguai.

Eventos históricos construídos por pessoas que moldam lugares e criam histórias, pessoas que ora se afastam, se isolam, se dispersam, brigam, guerreiam e lutam; em outros momentos podem se aproximar, se aglomerar, se juntar, se amalgamar. Como se diz nos sertões: vamos nos avizinhandando, compartilhando costumes e comidas e seus sabores (in)comuns. As bebidas numa troca efêmera entre o mate cevado com água gelada numa hora e com água quente noutra, fazendo brotar no verde-musgo da erva-mate o chimarrão e o tereré numa mistura amarga e refrescante entre a água quente e a gelada. Certos exemplos são ilustrativos: a cultura que essa fronteira³ sempre produziu e continua produzindo, como a mescla musical das guarânias e do chamamé, a fusão dos estilos dançantes que só os fronteiriços sabem bailar num intrincado soslaio da polca paraguaia e do baião, estabelece uma ligação com o sincretismo religioso, pendendo de forma clara para a crença cristã católica que ora opera com Nossa Senhora Aparecida, ora com a Virgem de Caacupe, sem jamais silenciar o misticismo indígena e seus xamãs, e nem os cultos afros e seus orixás. Existem tantas aproximações que às vezes é difícil falar em divergências e, ao trazer algumas delas, corremos o risco de cair numa celeuma de um tipo de ausência improvável. Não que uma manifestação seja

mais ou menos importante do que outra, mas sim que todas elas são amplamente conhecidas e praticadas entre as pessoas comuns dessas paragens.

É assim que vamos desenhando a fronteira, numa linha muito tênue em que não se discutem apenas divergências e convergências, mas sim como podemos melhor compreender essa cultura fluida, híbrida e partilhada por todos nós, às vezes tão encarnada que damos origem a denominações identitárias formadas por povos uníssonos entre esses lugares, como, por exemplo, os/as chamados/as brasiguaios/as, uma mistura de povos que vai muito além do nome e alcança a constituição desse sujeito fronteiriço por excelência. As relações que nos *achegam* são diversas, estamos num locus espaço/território regional/internacional repleto de fatos e feitos. As regiões fronteiriças entre Brasil e Paraguai congregam grandes episódios, histórias que vêm desde os idos dos descobrimentos, acontecimentos que moldaram a nossa região e quiçá continuam a moldar nossos jeitos de ser.

Nosso objetivo com esse texto é provocar o tempo, perfazendo idas e vindas em diferentes contextos históricos, utilizando fragmentos da literatura regional que contam histórias de um passado não tão remoto, bem como usar fragmentos de falas de gente fronteiriça, do lado de lá e do lado de cá, justamente para mostrar a intrínseca relação que há entre nós brasileiros e os nossos vizinhos, em especial aqui com o Paraguai, e a construção de uma identidade pautada na mobilidade humana transfronteiriça e nos aspectos culturais que cercam nossa região.

A Fronteira-personagem neste texto é singular em relação à separação entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina; na mesma proporção e de forma contraditória, é locus diferente quando se considera o espaço físico. A consolidação dos Estados-nação na Bacia Platina e no Brasil intensificou os processos que levaram ao desenho das fronteiras nacionais e igualmente possibilitaram a formação de relações controversas e complexas entre brasileiros, paraguaios e argentinos.

Nesse texto, apresentamos um exercício de perceber a fronteira Brasil-Paraguai e Argentina à luz de sua historicidade, recorrendo a fontes distintas, buscando demonstrar que a delimitação de espaço e de nacionais produz uma história e uma memória a respeito da existência fronteiriça responsável por introduzir um tipo identitário, o fronteiriço, que se movimenta sobre limites que marcam diferenças e permitem novos comportamentos.

³ O conceito de “fronteira(s)” que utilizamos no decorrer do texto não é restritivo, pois é nítido que ele apresenta uma variação de sentidos em diferentes idiomas. Em alguns momentos quando dissertamos sobre o termo – fronteira(s) – ele pode até mesmo ser de difícil tradução de um idioma para outro no campo da escrita. Por exemplo, quando falamos estritamente de fronteiras físicas (*borders*), o termo sugere algo materialmente visível, palpável, objetivo, que separa, já em outros momentos quando falamos em fronteiras culturais (*frontiers*), o termo sugere uma compreensão ligada ao campo da imaterialidade, subjetivo, inerente aos sentimentos, ao som, ao paladar, entre outras possibilidades de percepção dessas fronteiras. Nossa sinalização quanto a essa premissa se dá pela escolha que decidimos manter no decorrer do texto, sem, todavia, perder de vista outros vetores, como os que minimamente apontamos nessa nota.

Quando *guarânicas dizem adeus*, a literatura (re)constrói a fronteira

O texto literário é um fenômeno discursivo, dotado de uma criatividade capaz de inserir representação potente a respeito de uma experiência inespecífica, ou até mesmo específica, mas desatrelada do torpor representacional que a historiografia procura imprimir a seu leitor. Na segunda metade do século passado, Hayden White (1992, 1994) provocou as hostes historiadoras com sua abordagem de forte matiz estruturalista e propôs compreender a produção historiográfica como uma produtora e consumidora de estratégias representacionais muito próximas àquelas formas presentes em certas obras literárias; a sensação de mal-estar se estabeleceu e as reações foram diversas. Restou evidente e incontornável a atenção e reflexão necessária sobre as etapas que precedem a construção do texto historiador, considerando que nele está a representação “literária” do acontecimento pretérito. Contudo, passado o tempo, ruminadas as ideias, ficaram claras aos historiadores as possibilidades e as limitações inerentes ao seu fazer, bem como a necessidade de compreender o lugar e a relevância da linguagem, especialmente a escrita no contexto de seu ofício.

Consideradas as observações acima, nos defrontamos com a escrita (re)criadora de Jaminho⁴, um intelectual que tomou posse da fronteira, subordinando-a às suas ficcionalizações, preenchendo o lugar com existências humanas em uma área historicamente tornada limítrofe entre o Brasil e o Paraguai. Em *Guarânicas dizem adeus*⁵, um livro composto por 20 contos, é possível encontrar diversos componentes que medram na histórica fronteira brasileiro-paraguaia – fronteira forjada sobre territórios habitados ou mesmo palmilhados pelos povos originários –, mais especificamente nas cercanias das cidades de Bela Vista, Guia Lopes da Laguna e Porto Murtinho, todas localizadas no estado de Mato Grosso do Sul e *mui cerca* do território paraguaio. Toda essa área foi palco dos instantes iniciais da Guerra Grande e transformada em cenário de parte da fracassada tentativa de adentrar no território guarani, conforme se pode observar a partir da narrativa da expedição militar que ficou conhecida como “Retirada da Laguna”. Trata-se, portanto, de um livro que tem nos seus contos uma memória a respeito de acontecimentos e de personagens que não alcançaram a condição de his-

toricidade perseguida pelo historiador de ofício, dado que os eventos foram reelaborados por Jaminho.

A fronteira presente em *Guarânicas* é uma região de encontros, de fusões, de existências complexas e transfronteiriças, não exclusivamente em relação ao lócus de vivências humanas a partir das movimentações sobre os lindes nacionais. É cabível observar que a região, tal como considerada aqui, não está subordinada a concepções unicamente geográficas ou administrativas, portanto não se deslinda de experiências culturais decorrentes da presença e ação humana sobre o território. Essa fronteira é marcada por eventos expressivos na constituição do território brasileiro, não sem antes ter sido espaço de várias etnias indígenas e demandado pelo Paraguai como parte integrante de seu território. Dessa forma, a fronteira enquanto uma região só pode ser assim tomada na medida em que

As regiões, portanto, não pré-existem aos fatos que as fizeram emergir, as regiões são acontecimentos históricos, são acontecimentos políticos, estratégicos, acontecimentos militares, diplomáticos, são produto de afrontamentos, de disputas, de conflitos, de lutas, de guerras, de vitórias e de derrotas (Albuquerque Júnior, 2008, p. 58).

Nessa localidade marcada pelo constante encontro, os contos que sustentam a narrativa a respeito de experiências de vidas fronteiriças absorvem o conteúdo vivido na rotina ou no mundo ordinário de uma paisagem em que o urbano é uma extensão das fazendas majoritariamente dedicadas à atividade pastoril. As personagens e os enredos que desenham a existência humana de brasileiros e paraguaios, em meio aos indígenas e “bugres”, denotam o sentido melódico e de tarefa memorativa do livro, cujo título remete a um tipo de musicalidade de viés romântico, melancólico, um ritmo que emula o sentimento da ausência. A *guarânia* enquanto um estilo e uma prática musical nos bailes das fazendas do ainda estado de Mato Grosso assinala as condições da saudade de um tempo passado, romantizado diante do processo de fortalecimento das marcas lindeiras de dois países que se enfrentaram num dos maiores conflitos militares do século XIX, entre 1864 e 1870.

Não cabe precisar a temporalidade presente nos contos e no fio condutor da narrativa sobre o existir fronteiriço presente em *Guarânicas*, tampouco uma tal definição seria de grande utilidade para compreender o funcionamento analítico e explicativo do livro. Mas é possível

⁴ James Jorge Barbosa Flores nasceu em 08 de janeiro de 1965 em Guia Lopes da Laguna, cidade localizada no estado de Mato Grosso do Sul. Além de escritor, é jornalista e professor, Jaminho, nome autoral, ocupa-se da história e cultura do Mato Grosso do Sul.

⁵ A *guarânia* é um estilo musical paraguaio, cuja criação é atribuída ao músico José Asunción Flores (1904-1972), em 1925. Possui características melódica e musicalmente lenta, dramática e/ou romântica. É executada principalmente com instrumentos como a harpa, o violão e a viola. Tem forte presença nas festas e bailes na fronteira Brasil-Paraguai, caracterizando-se, assim, como música fronteiriça.

perceber que as histórias repõem situações existenciais dos anos 1960-1980, observando-se as referências a elementos do cotidiano das múltiplas cenas descritas. As referências à presença do sistema de alto-falantes na praça da cidade de Jardim, cuja finalidade é informar os moradores, fazer anúncios de estabelecimentos comerciais, além de tocar músicas, mostra a rotina interiorana mato-grossense dos anos 1960-1980, tanto quanto as referências às empresas de ônibus responsáveis por transportar moradores locais em direção à emergente Campo Grande e, depois, a São Paulo ou Rio de Janeiro.

As referências materiais a uma época na qual a presença de automóveis é restrita ou a existências de alguns equipamentos movidos a energia, provida por geradores, dialogam com as práticas e os valores de uma área marcada pela convivência entre elementos locais e migrantes sulistas, paulistas ou mineiros, junto com os paraguaios que, sem grande dificuldade, migravam para o “velho Mato Grosso”, mantendo uma prática comum de transumância, intensificada após o final da Guerra Grande e retroalimentada pelas escaramuças políticas entre Liberais e Colorados ou, nas décadas de 1930-1940, na Guerra do Chaco, contra a Bolívia (1932-1935). Esses acontecimentos fizeram da presença paraguaia nas áreas brasileiras de fronteira uma situação rotineira produzindo impactos na forma de vida de homens e mulheres na fronteira.

A rotina cotidiana, presente nos contos de Jaminho, é marcada por referências à Comissão de Estradas e Rodagens (CER 3), à topografia e à vegetação existente na fronteira, alusões à prostituição de mulheres paraguaias, à chegada e à transposição dos limites fronteiros de paraguaios que adentram no Brasil, o emprego do conceito de “bugre” para falar de indígenas que se relacionam mais intensamente com os não indígenas em atividades cotidianas, as menções aos animais de montaria que, quando bem encilhados, indicam certo prestígio do cavaleiro, a constância dos diálogos ou expressões em guarani ou espanhol, as festas e bailes em bordéis, em casas de famílias e em fazendas, as rezas, usos de ervas medicinais e benzimentos enquanto expressão da religiosidade popular.

É em torno desses temas que os contos performam uma configuração de vida na fronteira, demonstrando que os enredos e as personagens construídas por Jaminho são corpos e almas de outras experiências, tomadas e agenciadas para fornecer sentidos ao texto literário. É nesse movimento que encontramos personagens que se narram, expondo sua condição fronteiriça:

Jorge Luís é meu nome e gosto muito das letras e dos casos desta terra de fronteira. Nasci numa fazenda

grande – daquelas dos tempos em que carretas de erva-mate passavam por Bela Vista –; meus pais que foram caseiros durante muito tempo eram filhos de gente da fronteira: os meus avós paternos eram de Corrientes. Já seu Morinigo, pai de mamãe, paraguaio; sua mulher dona Ana Gregória, gaúcha (Jaminho, 2020, p. 39).

Nesse excerto é possível enxergar o autor instrumentalizando o narrador do conto “O desertor” no ato de rememorar eventos que integraram a ocupação não-indígena da fronteira, em terras que fazem parte do município de Bela Vista. A memória de Jorge Luís revela ao leitor sua origem, seus antepassados de origem platina em um contexto de migração que promoveu deslocamentos em direção ao Mato Grosso. O narrador parece ser uma espécie de *alter ego* do autor, um ser falante a dizer sobre sua existência na fronteira. A movimentação de sul-rio-grandenses ou de mineiros e paulistas se encontra com as constantes travessias de paraguaios e paraguaias numa área em que a presença de indígenas antecede em muito a chegada dos “civilizadores”, que por ali transitaram desde o período colonial. A anterioridade dessa movimentação humana daria razões para que a personagem Jorge Luís forme uma representação da origem mestiça do fronteiro, mesmo sem alcançar as condições históricas da colonização europeia em curso sobre terras indígenas, de fins do século XV e que impôs seu domínio, com o conhecido Tratado de Tordesilhas.

Nós da fronteira, não temos raiz – talvez tenhamos raízes –; somos forjados de influências díspares, conflitantes e/ou complementares. A complexidade simplória, o mistério banal, o segredo notório são adjetivos para nossas características culturais (Jaminho, 2020, p. 40).

A fronteira brasileiro-paraguaia se faz presente em Guarânicas dizem adeus pelo apelo à memória coletiva, detentora de um conjunto expressivo de lembranças sobre o cotidiano, e pelas referências a uma região construída a partir de disputas e concessões envolvendo colonizadores europeus e indígenas. O cenário está em uma área em que “o Brasil foi Paraguai”, território anexado ao país guarani durante a ocupação de parte da Província de Mato Grosso por um período de mais de dois anos. Essa área, quando sob domínio do Paraguai, tornou-se a quase fictícia Província do Mbotetey, segundo observa Doratioto (2002). Nesse cenário, as tramas presentes nos contos desdobram histórias de vidas a partir de circunstâncias que fornecem matéria-prima para a ficção fortemente ancorada em fenômenos que marcam a história dos acontecimentos impactantes sobre a trajetória das pessoas cujas experiências passaram para o texto ficcional.

Nos contos, cujos títulos são: “Pra mode fazê!”, “Memórias em bovinês”, “Relatório arruaceiro: meu tio Zó”, “Jaguapiru”, “O desertor”, “Fazendeirão, pô!”, “Pinacoteca”, “Nota de falecimento”, “Na ponte velha do Cachoeirinha, é lá”, “Alguns bailes”, “O benzedor e o bandido”, “Na fronteira”, “Que fim levou dona Mimi?”, “Baile do pericão”, “Os compadres”, “Peão sem camisa e de chapéu”, “O assassinato de Totó Cavalcanti, o verdadeiro autor do crime”, “Uma noite estranha de lua”, “Guarânicas dizem adeus” e “Nhandipá”, há um conjunto de histórias de vidas no cotidiano fronteiriço que permitem visualizar a presença do processo histórico por meio do texto literário. Ressalte-se que esses contos são povoados ou figurados por fantasmas que habitam as histórias fronteiriças.

Os contos possuem enredos próprios, circunstâncias vivenciadas por personagens peculiares, alguns integrantes do circuito mais abastado e outros vinculados aos segmentos mais pobres, compondo um conjunto de homens e mulheres cuja ação se dá em torno de ocorrências comuns, ordinárias. Situações do dia a dia emergem na performance de indivíduos que socialmente compõem a fronteira Brasil-Paraguai, desvelada pela escrita de Jaminho, autor de histórias alimentadas por situações plausíveis enquanto experiências humanas pretéritas. A presença da História nos contos ou nas histórias que vertem História demonstra o processo de apropriação e reelaboração do passado, derivando um conjunto de pessoas e atos verossímeis, apontando para as fricções entre o cosmos pretérito e o das possibilidades presentes no texto ficcional.

Em “Nhandipá” encontra-se o acontecimento histórico mais (re)conhecido e ancorado em fontes potentes, condições que conferem ao texto certo traço peculiar e pouco livre em relação aos demais escritos integrantes do livro. O título do conto e seu enredo referem o combate por terra entre as tropas brasileiras e paraguaias, em 11 de maio de 1867, nas margens do Rio Apa. No comando estavam o coronel brasileiro Carlos de Moraes Camisão e o major Martin Urbietta à frente dos paraguaios. A vinculação de Jaminho aos chamados temas “regionais” é conhecida e, sob essa condição, Nhandipá se beneficia de relatos de Taunay, cronista da “Retirada da Laguna” e de outros escritos nos quais narra a dramática – e fracassada – tentativa de adentrar no território guarani pelo norte do país, resultando num retumbante fracasso das forças que integraram a missão, que a historiografia militar e a memória áulica tentaram transformar em epopeia, de forma a ocultar a sucessão de imperícias militares, articulada ao desconhecimento tanto do que acontecia na Província quanto da região da fronteira fortemente guardada pelas forças paraguaias.

Quando se apropria de parte do acontecimento histórico que ficou conhecido principalmente a partir de

A Retirada da Laguna, narrativa assinada por um de seus participantes-testemunha, Alfredo d’Escagnolle Taunay, futuro visconde de Taunay, Jaminho se embrenha em um exercício meta-históriográfico, nos termos sugeridos por Hutcheon (1991), operação que resulta em um texto de matiz historiográfico e de apelo romântico. O livro de Taunay foi, progressivamente, transformado em monumento de parte da Guerra, e seu conteúdo registra uma jornada trágica na qual a estratégia militar foi alimentada pelo voluntarismo e pelo patriotismo pueril, associado a uma profunda ignorância em relação ao problema que se estava encarando. Não só “A Retirada da Laguna”, mas também outros registros produzidos pelo Visconde progressivamente ganharam a condição de fonte-*mater* ou narrativas quase inquestionáveis quando versam sobre os acontecimentos que registram.

“Nhandipá”, em *Guarânicas*, é o (re)contar de um evento ou da parte de um acontecimento de grande monta – a Guerra Guasu – e que, na escrita de Jaminho, transborda da memória coletiva para o texto, mediado por uma poética que encontra na guerra o sentido de um componente da formação identitária fronteiriça. Na peleja para fortalecer sua escrita, Jaminho (2020) registra, acerca de sua fonte mais falante, os escritos de Taunay:

Do relato de nosso cronista favorito – e historiador – mor do assunto – sou forçado a revelar que os números dos combates anteriores (e de alguns posteriores) são contraditórios: em suma: paraguaios e brasileiros são peritos em aumentar as mortes dos inimigos e a diminuir [sic] as próprias; quando não falseiam, relativizam, além das perdas, as reais consequências e dificuldades impostas por uma derrota (Jaminho, 2020, p. 229).

O exercício narrativo-memorativo que oferece a base que sustenta *Guarânicas dizem adeus* surge desnudo em “Nhandipá”, provocada pelos incômodos diálogos que o demiurgo narrador trava com seu informante mais ilustre, o Visconde de Taunay, com um historiador, Francisco Doratioto (2002), e todo o conjunto de imagens e fantasmagorias forjadas pelo impacto dos eventos trágicos da Retirada da Laguna. A condição de um mundo-fronteira está presente nos contos do livro, por seu teor ou pelos significados que a Guerra Guasu e a Retirada da Laguna impuseram à história brasileira e à memória dos lugares-palco do texto; certa demanda pela âncora da verdade acontecimental transpira ao longo da trama de “Nhandipá”. É certo que o Nhandipá de Jaminho não é o evento, tampouco ele assim espera, mas a força do passado parece lhe cobrar alguma coerência com o fenômeno intangível, alocado na história e na memória coletiva.

As fronteiras, aquela política presentificada na e pela condição limítrofe entre os estados-nação brasileiro e paraguaio alcançam outro formato e desdobram-se na linguagem literária, inventando uma nova condição para os eventos e para as personagens que participaram das refregas violentas e nem sempre compreensíveis, à luz de valores éticos e morais de um presente que, ao se ligar ao passado, paradoxalmente, tenta dele se libertar. A história e a fronteira, a rigor a disputa pela fronteira, presente no texto literário, é a representação derivada das decisões do autor, independentemente de critérios adotados, ela se manifesta conforme observa Iser (2013):

O mundo representado no texto, enquanto produto do fingir, resulta de atos de seleção e combinação e não tem nada de idêntico ao mundo dado. O mundo do texto permite, portanto, que por ele sejam vistos os dados do mundo empírico por uma ótica que não lhe pertence, razão por que constantemente ele pode ser visto de forma diversa do que é (p. 47).

Observadas as questões acima, cabe acrescentar que o texto literário, em sentidos amplos, é um cosmo preenchido de história, sem necessariamente ambicionar explicá-la e sem que a autoria reivindique a condição de historiador. Os contos de *Guarânicas* são textos em que a História de parte da fronteira se faz presente, por meio da narrativa de Jaminho, resultando em um conteúdo que permite que “eles estejam entre nós”, eles, os sujeitos de antanho, e nós, leitores interessados em história e nas histórias beneficiadas por existências promotoras de ações humanas sem que a ficionalização se comprometa em (com)provar factualidades de forma exaustiva. Os contos e suas histórias provocam o leitor a compartilhar os sentidos do texto, convidando-o a um pacto imperceptível entre o passado possível e o passado crível. Há uma fronteira transpassada entre o ato criativo das ações históricas e o ato criador do autor, que se apropria de um conjunto de eventos que integram o imaginário coletivo daqueles que habitam a fronteira.

Quando o pastor narra a fronteira, a história (re)conta o enredo

Como vimos até o momento, não restam dúvidas de que somos partes comuns de uma espacialidade em conjunto com um grande grupo de outras gentes, indígenas que formavam amplos espaços regionais. Podemos exemplificar também referindo o que se chamou por algum tempo de região do Guairá, ou que também

é conhecido como *República del Guairá*, um território físico que tinha como espaço partes do que é hoje Brasil, ou mais precisamente do que é atualmente o estado do Paraná, distante do litoral e se aproximando das divisas com o Paraguai e com a Argentina.

Parafrazeando Silveira Netto (1995), em livro intitulado “Do Guairá aos Saltos do Iguazu”, publicado pela primeira vez em 1907, ele afirma que o Guairá tinha como limites os principais rios que cortam essa região, com o rio Iguazu ao sul, o rio Paraná a oeste, a linha do Tratado de Tordesilhas a leste, o rio Tietê que separava os guaranis dos tupis ao norte. Nessa área de atuação, os jesuítas formaram um território menor entre os rios Paraná, Iguazu, Tibaji, Ivaí e Pequiri que de certa forma demarcava os limites com os portugueses no rio Paranapanema. Ainda segundo o autor, esta vasta região, “a República del Guairá passou a ser depois dominada por padres da célebre Companhia de Jesus, e chegou a ter uma população indígena de cem mil almas” (Netto, 1995, p. 73).

Uma análise mais contemporânea desse processo mostra um cenário ainda mais significativo sobre essa região, quando o historiador Lúcio Tadeu Mota escreve a respeito dos sujeitos esquecidos e excluídos da história e que no Guairá se encontraram, representando toda a efervescência regional do extremo oeste do Estado do Paraná, já na beira do Paraguai, assim como no costado do Mato Grosso. Segundo o autor,

A região leste do Tibaji, demarcada ao norte pelo Paranapanema, ao sul pelo Iguazu e a oeste pelo rio Paraná, foi o local onde se desenvolveram as várias reduções jesuíticas espanholas dos séculos XVI e da primeira metade do século XVII. Em seu apogeu, de 1620-1640, o Guayrá chegou a contar com 17 reduções, abrigando mais de 200 mil índios Guarani (Mota, 1994, p. 69).

Nosso intuito aqui não é travar uma discussão historiográfica acerca do tema que é amplamente explorado pela literatura em várias áreas do conhecimento. Como bem afirma Mota (1994), desde a época clássica do romantismo brasileiro do final do século XIX, em que o indígena Guarani aparece com ares cavalheirescos, até a perspectiva em que ele é encarado como um sujeito ora belicoso em suas ofensivas contra o branco colonizador, ora cordial no cotidiano, fazendo, assim, com que o indígena, que até então era esquecido e excluído, para não dizer inexistente, como quiseram muitos escritos que propunham a teoria dos espaços vazios, agora passe a existir.

Isso nos serve nesse momento para quê? Para dizer como era essa região a que agora lançamos vistas desde outros tempos, tal como é atualmente, palco das nossas histórias, cenário de nossas trajetórias, arena de nossas

memórias, e nos confere um panorama de nossas identidades. A História entre as fronteiras é fluída e potencializa a análise do lugar, mostrando muitos outros eventos, desde as mais complexas e grandes guerras do continente até as mais simples relações de trabalho que ora compartilhamos.

Na História da região percebemos que há vários grandes eventos, como os descobrimentos, as reduções jesuíticas, as guerras e migrações, que ocorriam entre indígenas, espanhóis, portugueses e outros sujeitos, história que se dava nos rios, matas, vilas, serras e vales. Por meio de uma análise multidimensional, mediada pelo viés da semântica dos tempos históricos, percebemos que desde o século XVI até o século XX, as pessoas construíram uma certa cisão, a *priori* naquilo que convençamos chamar de América Espanhola e América Portuguesa, e agora nos estados nacionais de Paraguai e Brasil, isso é possível perceber no uso palmilhado do espaço. Ainda nos utilizando do antigo lugar - região do Guayrá -, percebemos análises que dizem muito sobre a nossa formação histórico-social.

Consoante a história dessa região fronteira, é importante percebermos a massiva presença de estrangeiros nesse espaço palmilhado. Para isso, tomamos as pesquisas do historiador Ruy Christovam Wachowicz (1982) buscando melhor compreender a constituição social fronteira, o autor analisa alguns eventos característicos das grandes marchas no Brasil, em especial ao oeste brasileiro. Wachowicz direciona seu olhar ao número de trabalhadores que são atores históricos importantes na formação desses lugares e constituem a ambiência fronteira; em determinados momentos da história eles representavam ser mais numerosos que a população nacional. Segundo o autor é possível percebê-los e diferenciá-los inclusive pela maneira peculiar no tratamento, entre outras denominações surgem os obrageiros, os mensus, e os colonos. Tratando da década de 1930, o autor constata que

[...] a população existente na margem brasileira do rio Paraná, entre Guaíra e Foz do Iguaçu – espaço compreendido entre norte e sul – era de aproximadamente dez mil habitantes, dos quais apenas quinhentos eram brasileiros. Constatou-se que os governos anteriores [do Brasil] nunca haviam se interessado pela região e que, em consequência, a presença estrangeira era tanta que o Brasil não estava longe de ver aberto um caso de direito internacional na sua margem esquerda do Rio Paraná (Wachowicz, 1982, p. 144).

Noutro momento de nossos estudos e análises sobre essa região fronteira já tivemos a oportunidade de situar minimamente esse debate, pois essas informações vão ao encontro dos dados do Censo Brasileiro realizado no ano de 1920⁶. Ou seja, um pouco antes das perspectivas lançadas por Wachowicz, o Estado, por meio do Censo, já constatava a presença de aproximadamente 17 mil paraguaios vivendo no Brasil. A presença dos paraguaios no Brasil, em sua grande maioria naquele contexto, dava-se em Mato Grosso⁷ e Paraná, ou seja, às margens do rio Paraná na fronteira com o Paraguai.

Não nos é possível contornar uma possível explicação e/ou entendimento dessa massiva presença de estrangeiros nessa região, pois ela se evidencia, sobretudo, no desenvolvimento de diversos afazeres. O trabalho dos paraguaios que viviam no Brasil atendia diversos setores de mão de obra. Num primeiro momento, as pessoas tenderam a desqualificar os serviços realizados pelos paraguaios num deturpar estereotipado, procurando desqualificar o outro e o seu afazer como sendo apenas o trabalho pesado e braçal.

Com o passar dos tempos e através das fontes que nos chegam, podemos perceber esses paraguaios para além das atividades braçais e de trabalho pesado, embora reconhecamos, através das fontes desse passado mais próximo, que grande parte deles prestava serviço qualificado de mão de obra, tal como o manejo da erva-mate, no trato com o gado, na lida com a madeira, no manobrar de equipamentos sob as águas, no cortar e desenhar o couro cru, sobretudo, e especialmente quando se tratava do beneficiamento de um produto que, embora ainda em seu estado bruto, era destinado para a exportação; ali, nessas atividades os paraguaios estavam presentes. Com base nisso, fica clara a extensão dessas atividades por todo o século XX e, de maneira assertiva, podemos afirmar que adentrou o XXI, logicamente, ampliando suas áreas de atuação, desde o mercado de trabalho formal até o trabalho informal.

Trabalhar, escrever contos, criar territórios e lugares é uma dinâmica das fronteiras e dos fronteirços, ora com indígenas, ora com não indígenas, espanhóis, portugueses e outras tantas identidades. O passado encarnado no presente nos faz ver que somos partícipes dessa História há muito tempo; seriam essas pessoas de outros tempos *brasiguaios* do passado? Deslindar um pouco melhor esse processo é fundamental no compartilhamento de vetores de outras temporalidades.

⁶ A guarânia é um estilo musical paraguaio, cuja criação é atribuída ao músico José Asunción Flores (1904-1972), em 1925. Possui características melódica e musicalmente lenta, dramática e/ou romântica. É executada principalmente com instrumentos como a harpa, o violão e a viola. Tem forte presença nas festas e bailes na fronteira Brasil-Paraguai, caracterizando-se, assim, como música fronteira.

⁷ Entre os anos de 1977 e 1978 foi realizado o desmembramento de parte do território do estado de Mato Grosso, formando, a partir disso, o estado de Mato Grosso do Sul. A denominação Sul de Mato Grosso ou Antigo Sul de Mato Grosso pode ser utilizada para designar a parte meridional do antigo estado de Mato Grosso, atualmente Mato Grosso do Sul, embora para certos momentos históricos, como o período colonial, essa definição possa provocar confusões. Sendo assim, a referência a Mato Grosso anterior ao ano de 1977 pode invariavelmente corresponder a espaços que atualmente estão localizados no Mato Grosso do Sul (Hahn; Baller, 2017, p. 87).



Trabalhadores paraguaios na lida com a madeira utilizando o *traçador*⁸

Fonte: Revista Arca, Campo Grande, 1993, p. 41.



*Traçador*⁹: instrumento de trabalho de propriedade de um senhor em MS

Fonte: Acervo de Alan Luiz Jara. Caarapó-MS, 27/01/2018.

A pluralidade histórico-social no Paraguai, em grande medida promovida por brasileiros, evidencia a construção da fronteira e a inclusão de atores históricos, como os brasiguaios, apontando para o exercício de suas práticas e discursos na disputa entre a memória de um

passado recente e a identidade do grupo que promoveu a transposição da fronteira entre os dois países, tornando-se no presente uma identidade hibridizada. A coexistência social nessas paragens surge com um viés importante tanto nas ações quanto nas representações dos sujeitos, e em como eles compõem o espaço da fronteira tornando-a uma zona de contato e simultaneidade, ou seja, são fronteiriços que constroem fronteiras. A historicidade desse processo produziu e continua produzindo uma nova face de configuração no país vizinho com a propagação do agronegócio, em especial.

O que fica evidente é que a operacionalização das relações aponta para a desnaturalização da fronteira entre o que o Estado dispõe e o que a sociedade exerce. A fronteira faz com que a teoria seja considerada um trabalho historiográfico em si, que obedece num primeiro plano às relações entre a sociedade que na fronteira se estabelece ou que por ela é circundada.

Nosso intento, ao procurar deslindar formas de compreender contos e falas, recorre à entrevista. Trazemos um pouco dessa perspectiva da construção dos espaços fronteiriços na entrevista realizada no final do ano de 2013 em Assunção, Paraguai, com Ricardo Adolfo Becker, pastor luterano nascido na Província de Misiones na Argentina, de ascendência materna brasileira e paterna argentina, que trabalha radicado no Paraguai. Formado em Teologia, bacharel em Contabilidade com especialização em Perícia Mercantil, atua especificamente como pastor. Nesse momento, a opção de trabalhar com a fonte visa abordar um pouco melhor e mais de perto a nossa temática e o que a experiência do pastor proporciona, assemelhando-se ao cotidiano de trabalhadores que vivem entre um país e outro, e, sobretudo, na região fronteiriça; trata-se de uma entrevista realizada há mais de uma década. Portanto, não é nosso propósito aqui fazer uma análise teórica metodológica, como é a praxe dos historiadores, prática necessária e sempre usual, mas sim explorar o tema.

Logo no início da entrevista, o pastor resume sua trajetória entre lugares de moradia e trabalho pelo Paraguai. Ele assume uma identidade fronteiriça, momento em que diz:

Nasci na Argentina, na Província de Misiones, a 23 km da fronteira do Brasil, me criei em Misiones, estudei, e depois fui morar para Buenos Aires, e no Paraguai estou agora há 16 anos [em 2013]. Quando eu vim da Argentina, primeiro a gente estava no interior, na Colônia Independência, que fica no Departamento

⁸ Na legenda original: "Ao lado, o serrador Amâncio Rodrigues, na fazenda do Sr. Óta, 1962".

⁹ Traçador é o nome dado a uma serra manual relativamente grande, entre 1,5 e 2,0 metros de comprimento, sendo necessários dois homens para operá-la. É uma ferramenta que, quando bem manuseada, serve para cortes de precisão, como fazer tábuas, caibros, ripas, sarrafos e outras peças de madeira, tanto para a construção civil quanto para o fabrico de móveis, esteios para cerca e finalidades diversas.

Guairá, ali é praticamente uma colônia de alemães que começou se formar pelos anos de 1917-1920, depois dali me mudei, depois de um ano, pro Departamento de Caaguazú, na localidade de Nova Toledo, naquela época Colônia, hoje já é município independente, ali a gente estava basicamente entre os brasiguaios, do ano de 1998 até 2002, em 2002 e 2003 eu estava morando e trabalhando na cidade de Santa Rita [Departamento de Alto Paraná], e de julho de 2003 até agora [2013] em Asunción (Entrevista: Ricardo Adolfo Becker. Pastor luterano. Assunção, Paraguai 18/12/2013).

Nosso objetivo é mostrar como se desenvolve a atuação do pastor, entendido por nós como um agente histórico-social, sujeito fronteiriço, trabalhador, que no decorrer de vários anos de ofício religioso em terras paraguaias e nas fronteiras de um país com outro (Paraguai/Argentina/Brasil) construiu uma narrativa crítica desses lugares. Nesse sentido, percebemos que quando o pastor fala dos lugares por onde passou e trabalhou, ele os trata como *colônias*, pois é justamente assim que esses lugares foram chamados a princípio quando das primeiras migrações internacionais ao Paraguai. O pastor destaca que com o passar dos anos, os diversos movimentos migratórios, como por exemplo de europeus (especialmente alemães), canadenses (com os menonitas) e brasileiros (com os chamados brasiguaios), entre outros, vão se amalgamando aos paraguaios, com isso, vão se construindo as condições para criar novos municípios, ou seja, espaços novos, dessa maneira as antigas *colônias* passam a ter outras denominações, mas nem sempre deixa de trazer em seus nomes um marcador da origem *outsider*, ou mesmo de seus costumes, como é o caso do idioma, um balizador característico de identidades. Quando instado a falar sobre as relações entre essas diferentes *colônias*, os lugares e as pessoas, ele diz que

Era muito interessante essa questão, quando a gente recém chegou no Paraguai nós morávamos em Colônia Independência e já dali, dali nós viajavamos uma vez por mês para Caaguazú em Coronel Toledo. No começo eu sempre falava pra minha esposa, bom, estamos saindo da Alemanha, vamos passar pelo Canadá, depois vamos passar um pouco no Paraguai, e depois vamos voltar para o Brasil novamente. Era uma sociedade bastante diferenciada, tanto a Colônia Independência, existia o casco urbano que era basicamente de gente alemã, o idioma ali era basicamente alemão, e os paraguaios como que moravam em volta, digamos na periferia desse casco urbano, e depois a cidade de Berghthal e Três Palmas, nem se fala, era só Menonitas, ali tudo era deles. Já o povoado paraguaio que era o maior dessa região na época era em Raúl Arsenio Oviedo,

eram só paraguaios. Dentro das colônias brasileiras, o idioma corrente era o português, também moravam paraguaios, trabalhavam juntos, mas a gente notava um esforço grande de parte dos paraguaios em falar, por exemplo, [o idioma] português, mais do que os descendentes brasileiros ou brasileiros falar o [idioma] espanhol, o [idioma] guarani nem se fala, então, isso era proibido (Entrevista: Ricardo Adolfo Becker. Pastor luterano. Assunção, Paraguai, 18/12/2013).

Destarte a história que conhecemos entre os dois países – Brasil/Paraguai –, o que temos a partir da percepção do pastor e a maneira como ele constrói as suas interpretações sobre os eventos que vão acontecendo no decorrer de sua vivência ao longo dos anos de trabalho no país, sobre os lugares, sobre os movimentos migratórios, mostram como a construção do território vai se dando nesse meio e como é notado pelas pessoas que por ele transitam. É importante destacar que essa percepção sobre o espaço-lugar é a compreensão das fronteiras nacionais, tanto para dentro do Paraguai, ou como queiram nas fronteiras contíguas do Brasil. O pastor percebe a fluidez existente na concepção desses lugares, de como eles estão dispostos aos olhos dos moradores e transeuntes. Embora plenamente inserido nessa ambiência, não podemos deixar de constatar a questão migratória e todo o repertório de manifestações culturais que essa dinâmica traz consigo e se apresenta no interior desse movimento no Paraguai, tais questões são encaradas pelo pastor com certo estranhamento, ele desenvolver um diálogo profícuo desses movimentos e busca dar um entendimento mais amplo às discussões em curso nessas fronteiras quando diz:

[...] este é um elemento muito interessante que eu percebia, que é a questão da migração dentro do ser [...], quando eles estavam estabelecidos, já que a gente podia dizer, está com a casa pronta pra viver tranquilo, depois de ter entrado no mato onde não tinha nada, nem estrada, nada, nada, nada, muitos deles voltavam a migrar novamente [...] com a terra já preparada, mecanizada, vendiam tudo e iam de novo pro mato, e outros, empezaram, mudaram pra Bolívia, a gente percebia um pouco da itinerância de muitas famílias que traziam dentro de si, como parte da cultura, que uma vez quando estavam estabelecidos [...], mudavam de novo pra um lugar praticamente onde não tinha nada, é um elemento muito forte que eu percebia, e isso também, digamos, esse fato penso que dificultava um pouco a integração plena a nível cultural, social, em que tem alguns autores que falam de que tem três ou quatro categorias de migrantes, o migrante que sai do seu lugar de origem, do seu país, da sua cultura porque já não quer

saber mais dessa realidade, chegam num lugar novo e, quando chegam ali, aquilo que ele era acostumado, ele instala ali, dão o nome de muitos lugares no Paraguai, têm brasileiros e também dentro do Brasil colônias novas, né; que vão tomando o nome da colônias antigas, por exemplo, Toledo, existia a intenção de colocar o nome do município de Coronel Toledo, não, se colocou Nova Toledo, fazendo referência aos primeiros fundadores, os primeiros colonos que chegaram ali que vinham de Toledo no Paraná [Brasil], como existe, por exemplo, Nova Brasília, nova isso, nova aquilo, como se chegam num lugar novo e automaticamente aquilo que a gente não queria se traz junto, e ali começa um processo muito difícil de se adaptar, porque se quer fazer de novo aquilo que a gente tinha, outro fato das pessoas que chegam num lugar novo e se mimetiza tanto o seu contexto novo que perde a identidade, e que com o tempo entra em crise social, pessoal, porque já não sabem quem são eles, reneguei uma realidade, não quero saber nada dessa realidade, cheguei num lugar novo, adotei, transplantei no meu interior essa nova realidade, mas que depois de uns anos não me diz nada, nem o idioma, a comida, a música, e se torna um vazio dentro da pessoa. E o terceiro grupo que é minoria em todas as culturas, não só com os brasileiros, com os alemães é muito forte isso, o terceiro grupo que consegue dizer; bom..., saí de um lugar onde eu morava onde não era uma maravilha, aqui tampouco é o paraíso [...], mas a gente consegue fazer algumas coisas distintas aqui, é isso o profuso processo de integração de culturas (Entrevista: Ricardo Adolfo Becker. Pastor luterano. Assunção - Paraguai, 18/12/2013).

Percebe-se a perspectiva crítica que o pastor possui e assume acerca de muitos temas, sendo a migração um deles. Outros surgem aos poucos, como a ausência do sujeito paraguaio em regiões de fronteiras com o Brasil, a indignação dele com o tratamento dispensado ao indígena que sofre com a estigmatização por parte dos não indígenas, com o pequeno agricultor paraguaio que, segundo ele, “quase desapareceu” por causa da ascensão do capital financeiro agrícola, com as mulheres presentes nos movimentos migratórios brasileiros e que passaram décadas sem sequer sair de casa, e estavam em meio ao mato no Paraguai. Conta ainda da difusão dos meios de comunicação, da ausência do Estado nas fronteiras, entre outros aspectos; tais perspectivas são anunciadas pois estão inseridas nas fronteiras, desde os estereótipos criados até as mais diversas formas de manifestações culturais, conforme ele já mencionou na citação anterior. É interessante perceber na fala do pastor a oposição, num sentido quase maniqueísta, entre os diferentes – indígenas e menonitas; mulheres e homens; campesinos e agronegócio; itinerância

e estabelecidos; desmatamento e grandes propriedades. Ele enfatiza:

Sim, existe uma discriminação onde se empregava eles [indígenas] para eles arrancar o inço [erva daninha] no meio da roça, e coisa assim, para o trabalho, um trabalho que lhes pagava pouco, não se valorizava o trabalho deles, quando se deveria pagar 30, se pagava 15 (mil guaranis), uma questão muito discriminatória, não é? E eles moravam no seu território, mas hoje esses territórios foram cada vez mais pressionados e invadidos, com o desmatamento, entrou no meio deles a questão da produção de soja, deixando-os e o seu próprio sistema tradicional de vida de lado, porque as parcelas deles estão cada vez menores, não é? (Entrevista: Ricardo Adolfo Becker. Pastor luterano. Assunção - Paraguai, 18/12/2013).

Na nossa tentativa de apreender como se dava a compreensão dele sobre essa construção do espaço, questionamos sobre a presença *campesina* no interior do Paraguai e nas fronteiras com o Brasil. O pastor novamente assume uma postura crítica, dizendo que esse sujeito histórico está desaparecendo: há o desenraizamento cultural em relação à terra que é motivado pelo valor que a terra, pois na atualidade, mais propriamente a partir das décadas de 1970 e 1980, a terra no Paraguai passou a ser comercializada por altos valores, o que antes não era comum, essa prática ampliou o desmatamento. Podemos ler nas entrelinhas da entrevista que o pastor constrói sua narrativa explicando a mudança que houve no uso da terra, no que diz respeito ao conceito do valor que a terra possuía para o campesino, passando do conceito de uso social, em que se plantava especialmente para o consumo, para o conceito do uso da terra enquanto capital, em que se compram e se vendem as propriedades apenas visando o lucro, dizendo que

Alguns vendiam a terra e isso também levou a esse processo deslocado da pequena propriedade às grandes propriedades, assim muitas vilas praticamente desaparecem, os campesinos que tinham cada um entre 1 a 10 hectares de terra, eles terminaram vendendo, foi feito uma acumulação de terra, por quê? Por causa do preço da terra [...], um preço irreal, e isso leva novamente a um desarraigo cultural muito forte das pessoas, onde a cultura é do dinheiro basicamente, e também uma transformação galopante do sistema, em que os matos vão desaparecendo cada vez mais, somem, né, juntamente com eles (Entrevista: Ricardo Adolfo Becker. Pastor luterano. Assunção - Paraguai 18/12/2013).

Nas fronteiras do Paraguai com o Brasil essa característica é marcante, e há uma nova configuração do espaço, a paisagem natural se alterou de maneira muito rápida, provocando o desarraigamento social dos pequenos agricultores. A construção do espaço social fronteiriço passa por essa lógica da ocupação, onde sujeitos, comunidades e vilas foram aos poucos desaparecendo, ou sendo substituídas por outras formas de organização, quer por cidades dentro do Paraguai, quer por matas, rios e vales que se transformaram em grandes plantações de soja, por casas simples de madeira dos camponeses que dão lugar aos grandes silos para secagem de sementes.

As experiências construídas a partir de nossas pesquisas sobre esses lugares fronteiriços, habitados ora por uns, ora por outros, no longo devir da História, assim como os contos e as narrativas constitutivas de nossas fontes, mostram que o trabalho da memória se faz com um senso crítico-social muito claro sobre o que ocorre. Nossa percepção é de que os espaços fronteiriços são lugares de todos os povos, a faixa de fronteira do Brasil foi habitada por estrangeiros durante vários séculos, esses eram em grande medida paraguaios, ao mesmo tempo que na contemporaneidade percebemos a fronteira do lado paraguaio repleta de brasileiros, em um vaivém constante nesse movimento itinerante entre os povos, suas culturas e suas identidades.

Considerações finais

A escrita de contos, sobre os conflitos, as relações de trabalho, os lugares de moradia, as experiências de vida e outros aspectos constitutivos das fronteiras se produzem nesses espaços-lugares, e resultam da prática social cotidiana que ilustra a vida das pessoas nas fronteiras, que se apresentam de forma palmilhada. Para nós a fronteira representa uma ambiência que atua entre o fluxo natural e as intensas formas de resistência que se dão no lugar. As relações entre brasileiros e paraguaios e/ou paraguaios e brasileiros no ambiente de fronteiras são construídas em meio a aproximações e afastamentos, marcadas pela transumância. As perspectivas múltiplas fazem do trabalho de pesquisa e de escrita dessas histórias uma constante, entre a relação dialética das narrativas e o transitar trans-fronteiriço das pessoas.

As fronteiras são ininterruptamente problematizadas para melhor compreendê-las, questionamentos que contemplam áreas diversas do conhecimento tornam-na não apenas um espaço de discussões, mas também uma teoria, um tema e objeto, o que faz das fronteiras uma categoria capaz de produzir sociabilidades. Elas constroem sua própria historicidade, tornando-se o limiar do limite, representado mais do que apenas um espaço físico

de separação que por muito tempo foi naturalizado e a ela destinado pelas agências que atuam na governança do Estado-Nação contemporâneo, muitos desses aspectos naturalizados, serviram inclusive para traçar as estratégias de salvaguardar possíveis atravessamentos, como com as medidas administrativas do Estado, em especial pela diplomacia., e tudo o que ela representa às nações. Destarte à isso é imperativo percebermos que as pessoas se relacionam com as fronteiras de modo diferente do que o Estado impõe, inclusive fazendo delas um lugar-comum onde as relações sociais ocorrem a todo momento.

Conforme evidenciamos, os espaços fronteiriços são lugares habitados, as pessoas, as comunidades que se constituem nas fronteiras guardam uma relação sócio-histórica, em meio à memória que produz a identidade, caracterizando aspectos diversos que constroem a experiência nos limites, sejam eles de Estado, de nação ou de simbolismos. Minimamente, o que tentamos trazer nesse breve texto, é a percepção que as fontes analisadas contam, histórias que atravessam os/as fronteiriços/as; são músicas, literaturas, manifestações culturais e falas que procuram entender os diversos vetores temporais, as dinâmicas que se formam e se entrelaçam entre os significados de viver e as formas de coexistir fronteiriço, indo muito além de dois lugares, dois povos, dois idiomas, duas culturas, configurando-se nessas ambiências entremeadas. Nesse sentido, compreendemos que ora as tensões fronteiriças praticam ações bélicas, e ora elas se tornam disputas afáveis, mas nem por isso significam ser mais ou menos violentas, nosso objetivo é produzir uma história que dê conta de ampliar os conhecimentos e quiçá ressignificar o entendimento do que representam as fronteiras para melhor compreendê-las.

As fronteiras são limite e (in)limitado, porque operam política e administrativamente, demarcam espacialidades, nações e identidades nacionais, distinguem interesses, mas, da mesma forma, permite que marcos lindeiros proporcionem historicidades que negam ou, no mínimo, fazem das limitações uma condição que possibilita interações transgressoras.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. 2008. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, UFGD, 10(17): 55-67.
- ANKERSMIT, F. R. 2012. *A escrita da história: a natureza da representação histórica*. Londrina, Eduel.
- ARCA: Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande – MS. 1993. Campo Grande, Sergraph / Fundação Municipal de Cultura – FUMDAC, n° 4.
- DORATIOTO, F. F. M. 2002. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo, Companhia das Letras, 664p.

- EREMITES DE OLIVEIRA, J.; ESSELIN, P. M. 2025. Uma breve história (indígena) da erva-mate na região platina: da Província do Guairá ao antigo sul de Mato Grosso. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, 9(3):278-318.
- GADDIS, J. L. 2003. *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro, Campus, 126 p.
- HAHN, F. A.; BALLER, L. 2017. Um olhar sobre a fronteira: os relatos do sertanista Edmundo Alberto Mercer. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem – TEL*, 8:83-102.
- HUTCHEON, L. 1991. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro, Imago, 331 p.
- ISER, W. 2013. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma Antropologia Literária*. 2ª ed. Rio de Janeiro, EdUERJ, 424 p.
- JARA, A. L. 2018. *Paraguaios, paraguaias e descendentes: memórias e trajetórias de vida entre Paraguai e Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, UFGD, 203 p.
- KOSELLECK, R. 2006. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto/PUC-Rio, 368 p.
- MOTA, L. T. 1994. *As guerras dos índios Kaingang*. Maringá, EdUEM, 275 p.
- NETTO, S. 1995. *Do Guairá aos Saltos do Iguaçu*. Curitiba, Fundação Cultural / Farol do Saber.
- REIS, J. C. 2010. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro, FGV, 160 p.
- RICOEUR, P. 2007. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Unicamp, 536 p.
- SQUINELO, A. P.; MARIN, J. R. 2023. A ocupação de Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai; Guerra Guasu: antecedentes, conflitos, cotidiano e desfecho. In: L. BALLER; E. LEITE (org.). *Fronteiras e Histórias: a centralidade das margens e os usos do passado*. Curitiba, CRV, p. 247-298.
- TAUNAY, A. E. (Visconde de). 1874. *A retirada da Laguna*. Rio de Janeiro, Typographia Americana, 226 p.
- WACHOWICZ, R. Ch. 1982. *Obrageiros, mensus e colonos: história do oeste paranaense*. Curitiba, Vicentina.
- WHITE, H. 1992. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo, Edusp, 464 p.
- WHITE, H. 1994. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo, Edusp, 320 p.

Fontes

- Entrevista. Ricardo Adolfo Becker. Produção: Leandro Baller. Duração 1 hora e 27 minutos. Formato digital. O entrevistado nasceu em Misiones, na Argentina, e é pastor da Igreja Luterana em Assunção – Paraguai. Entrevista realizada em 18/12/2013.
- JAMINHO. 2020. *Guarânicas dizem adeus*. Rio de Janeiro, Telha. 238 p.

Submetido em: 29/10/2024

Aceito em: 20/05/2025